HUMANAS E SOCIAIS
V.12 • N.3 • 2025 • Publicação Contínua

ISSN Digital: **2316-3801**
ISSN Impresso: **2316-3348**
DOI: **10.17564/2316-3801.2025v12n3p649-666**

INTERFACES CIENTÍFICAS

HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO INTERIOR DO AMAZONAS: UM ESTUDO QUALITATIVO

MALE HOMOSEXUALITY IN THE INTERIOR OF AMAZONAS: A QUALITATIVE STUDY

HOMOSEXUALIDAD MASCULINA EN EL INTERIOR DEL AMAZONAS: UN ESTUDIO CUALITATIVO

Daniel Cerdeira de Souza[1]

RESUMO

Intentei compreender os significados da homossexualidade masculina para um grupo de homens que mantém relações com outros homens no interior do Amazonas. Seis participantes (cinco homens gays e um bissexual) foram submetidos a uma entrevista semiestruturada e os dados coletados foram analisados via Análise de Conteúdo. Como resultados, foram construídas três categorias, sendo: 1) Homossexualidade masculina e trabalho; 2) Uso de álcool e outras drogas; 3) Relações familiares e homossexualidade masculina. Observou-se que homossexuais vivenciam maiores exigências profissionais para se manter no emprego e ter ascensão profissional. O uso de substâncias apareceu como um dos principais aspectos do estresse de minorias e, também, emergiu no contexto das relações sexuais. Quanto às relações familiares, a experiência dos participantes com suas famílias foi permeada por violências, silenciamentos e interesses financeiros. Pode-se concluir que a homossexualidade masculina no contexto da pesquisa no interior do Amazonas é cercada de estereótipos que mantêm os homens dissidentes da heterossexualidade em posições sociais vulneráveis.

PALAVRAS-CHAVE

Homossexualidade; Gênero; Trabalho; Família.

ABSTRACT

The purpose of this study was understand the meanings of male homosexuality for a group of men who have relationships with other men in the interior of Amazonas. Six participants (five gay men and one bisexual man) took part in a semi-structured interview, and the collected data were analyzed using Content Analysis. As a result, three categories were constructed: 1) Male homosexuality and work; 2) Alcohol and drug use; 3) Family relationships and male homosexuality. It was observed that homosexual men face greater professional demands to maintain their jobs and achieve career advancement. Substance use emerged as one of the main aspects of minority stress and also appeared in the context of sexual relationships. Regarding family relationships, the participants' experiences with their families were marked by violence, silencing, and financial interests. It can be concluded that male homosexuality in the research context in the interior of Amazonas is surrounded by stereotypes that keep men who deviate from heterosexuality in socially vulnerable positions.

KEYWORDS

Homosexuality; Gender; Work; Family.

RESUMEN

Intenté comprender los significados de la homosexualidad masculina para un grupo de hombres que mantienen relaciones con otros hombres en el interior del Amazonas. Seis participantes (cinco hombres gays y un bisexual) fueron sometidos a una entrevista semiestructurada y los datos recopilados fueron analizados mediante Análisis de Contenido. Como resultado, se construyeron tres categorías: 1) Homosexualidad masculina y trabajo; 2) Consumo de alcohol y otras drogas; 3) Relaciones familiares y homosexualidad masculina. Se observó que los hombres homosexuales enfrentan mayores exigencias profesionales para mantenerse en el empleo y lograr ascenso profesional. El consumo de sustancias apareció como uno de los principales aspectos del estrés de las minorías y también emergió en el contexto de las relaciones sexuales. En cuanto a las relaciones familiares, la experiencia de los participantes con sus familias estuvo marcada por violencias, silencios e intereses económicos. Se puede concluir que la homosexualidad masculina en el contexto investigado en el interior del Amazonas está rodeada de estereotipos que mantienen a los hombres disidentes de la heterosexualidad en posiciones sociales vulnerables.

PALABRAS CLAVE

Homosexualidad; Género; Trabajo; Familia.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a homossexualidade foi responsabilizada por inúmeros desastres naturais, entendidos como punições divinas contra as práticas sexuais lidas como desviantes e profanas (Andrade, Ferrari, 2009). Ceccarelli (2012) explica que o imaginário judaico-cristão, ao defender uma suposta "sexualidade natural dada por Deus", cristalizou, isolou e ajudou a classificar as práticas sexuais em corretas e marginais, sendo esse um dos motores ideológicos da discriminação contra minorias sexuais. Considerando o exposto, o objetivo deste estudo foi compreender os significados da homossexualidade masculina para um grupo de homens que mantém relações com outros homens no interior do Amazonas. Significados são concepções sociais e históricas compartilhadas por um grupo (Souza, 2018).

Souza (2022) explica que ao longo da história, a homossexualidade masculina passou por mais processos de punição e exclusão que a homossexualidade feminina, não somente porque a sexualidade feminina é invisibilizada, mas pelo entendimento histórico era de que o homem possuía o líquido da vida (o esperma) e desperdiçar esse precioso líquido era considerado uma transgressão grave. Foucault (1996) explica que a partir do século XIX, com o advento e estabelecimento do conhecimento científico, a homossexualidade passou a ser objeto de análise médica para a cura ou reversão, reforçando os preconceitos associados a tais sujeitos. Outra questão que marca a história da homossexualidade masculina é a epidemia de HIV/Aids, de forma que a própria se tornou sinônimo de Aids, essa última sendo conhecida como o "câncer gay" (Terto, 2002).

Esta pesquisa se insere nos estudos de gênero, que aqui é entendido a partir do conceito de performatividade de Butler (2003). A autora explica que o gênero não é, o gênero se faz. Esse fazer se dá a partir da performatividade, que consiste em uma forma de imitação que gera os significados que nos fazem ser lidos como homem/mulher de forma binária. Para a autora, é através da performatividade que nos tornamos sujeitos. O gênero também está ligado à trama de significados que naturaliza a heterossexualidade como a única possibilidade viável de vivência da sexualidade. De acordo com Louro (2009) esse movimento é chamado de heteronormatividade, que impõe uma linearidade entre sexo, identidade e performatividade de gênero e desejo sexual, todos apontando para a heterossexualidade.

A relevância de um estudo como este está ligada ao fato de que a experiência social de muitos homossexuais é mediada pelo que Meyer (2003) chamou de estresse de minorias. O autor defende que minorias vivenciam uma carga de estresse muito maior que a população heterossexual, além de vivenciarem estressores únicos. Aliado a isso, pessoas dissidentes da heteronormatividade ainda vivenciam diversas formas de discriminação no mercado de trabalho (Souza, Honorato, Beiras, 2021). No contexto educacional e escolar, homossexuais masculinos são punidos por professores de forma sutil, mas são

agredidos de forma explícita por colegas através do *bullying* homofóbico, pois a homossexualidade masculina, ao romper com os estereótipos da heteronormatividade e de masculinidade, faz com que alunos lidos como gays/bissexuais sejam marginalizados e excluídos (Souza, Rodrigues, Ferreira, 2023).

No contexto familiar, de acordo com Souza *et al*. (2019), se observa a influência dos preceitos judaico-cristãos sendo base da discriminação que a maioria dos homossexuais vive e tais violências são defendidas como formas de correção que levariam o filho de volta a heterossexualidade. Já no contexto da saúde, de acordo com Albuquerque *et al*. (2013), mesmo após a publicação da portaria nº 2.836/2011, que institui a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI-LGBT)[2], esse público ainda enfrenta barreiras de acesso à saúde, as quais envolvem a atitude discriminatória dos profissionais, a redução da saúde homossexual ao HIV/Aids e a homofobia e heteronormatividade institucional. Assim, a pergunta que norteou este estudo foi: quais os significados da homossexualidade masculina para um grupo de homens que mantém relações com outros homens no interior do Amazonas?

2 METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa. De acordo com Creswell (2007), a pesquisa em abordagem qualitativa trabalha com dados da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, trabalha com a realidade subjetiva que utiliza da linguagem para apreender a experiência do sujeito com o meio social. A razão pela escola desse tipo de abordagem está intimamente ligada com o objeto do estudo. Considerando os significados como concepções de um grupo acerca de um objeto específico, a abordagem qualitativa fornece subsídios técnicos e teóricos para essa apreensão.

Este estudo corresponde a um terceiro resultado do projeto intitulado: *QUEM COME 'VEADO' TAMBÉM É 'VEADO'? Homossexualidade masculina em Tabatinga, interior do Amazonas.* A pesquisa seguiu os critérios éticos definidos pelas resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, no do CEP-UFAM nº 6.797.751, inscrito sob o código CAEE: 78262024.0.0000.5020. A pesquisa não contou com qualquer financiamento e consiste em uma iniciativa individual do autor, não estando vinculada a graduação ou pós-graduação.

O local da pesquisa foi o município de Tabatinga, interior do Amazonas (a palavra significa "barro branco", em alusão ao tipo de solo encontrado em abundância na região). A cidade é conhecida como a capital da região do Alto Solimões e não possui acesso rodoviário. As únicas formas de chegar até ela são por via aérea ou meio hidroviário (e por este último meio, a viagem dura cerca de cinco dias

2 A PNSI-LGBT tem como objetivo promover a saúde integral da população LGBT, eliminando a discriminação e o preconceito institucional, com enfoque na equidade, universalidade e integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecendo diretrizes para a garantia dos direitos humanos dessa população no SUS, o que evolve a qualificação da informação em saúde relacionada as especificidades da experiência de vida LGBT, promoção de ações educativas, o estímulo à participação da população LGBT nos conselhos de saúde e a realização de ações intersetoriais para a inclusão social e combate a discriminação.

até Manaus, capital do Amazonas). A localização da cidade é estratégica, pois fica na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, sendo que o trânsito nas fronteiras é livre.

Conforme Queiroz (2022), a região de Tabatinga é isolada do restante do país, por estar inserida diretamente no seio da floresta amazônica. Essa inserção, aliada ao intercâmbio de pessoas do Brasil, Peru e Colômbia faz com que a região possua uma particularidade sociocultural e linguística, onde as trocas sociais, simbólicas e materiais são constantes, ou seja, o sujeito estando inserido na região pode transitar, no mesmo dia, por três países da américa do sul. Steiman (2002) explica que Tabatinga é reconhecida como uma cidade gêmea da cidade de Letícia (Colômbia), pois as cidades mantêm relações socioespaciais que evidenciam: fluidez territorial, interdependência econômica, cultural e linguística entre tais cidades, de forma que a livre locomoção permite um entrelaçamento que vai além dessas questões, incluindo ainda manifestações religiosas, alimentares e políticas.

Os participantes da pesquisa foram seis homens cisgêneros, sendo cinco homossexuais e um bissexual, alcançados via técnica *bola de neve*, que consiste em uma técnica em que os participantes vão convidando outros participantes para a pesquisa, sendo útil para alcançar populações de difícil acesso, como minorias sexuais (Vinuto, 2014). Cabe ressaltar que a busca por novos participantes durou entre maio a novembro de 2024 e se baseou no critério de conveniência, sendo uma técnica que utiliza aqueles que estão disponíveis no momento da coleta seguindo o disposto por Amatuzzi *et al.* (2006), pois foram encontradas diversas barreiras de acesso a potenciais participantes, visto que mais de 20 potenciais participantes foram contactados, mas a maioria recusou a participação no estudo pelo desejo de manter suas práticas sexuais em sigilo.

Como critérios de inclusão, foram adotados: Ter 18 anos ou mais; ser um homem que mantém relações com outros homens e residir em Tabatinga. Já como critérios de exclusão: estar sob o efeito de alguma substância durante o procedimento de construção dos dados ou apresentar algum tipo de dificuldade (problemas de saúde, por exemplo) que impeça sua comunicação. Cabe aqui um adendo: apesar de incluir um participante bissexual, o foco do estudo se deu em suas experiências homossexuais. Não retratei suas vivências heterossexuais e o mesmo foi incluído por conta da dificuldade de encontrar participantes exclusivamente homossexuais dispostos a relatarem suas histórias. Essa questão, aliado ao fato de que os relatos do participante terem sido relevantes na construção dos resultados, embasou minha decisão pela sua inclusão. Os seis participantes que compuseram este estudo receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para dar autorização e ciência do teor da pesquisa e ficaram com uma cópia do documento.

O quadro 1 remonta uma breve caracterização dos sujeitos da pesquisa:

Interfaces Científicas • Aracaju • V.12 • N.3 • p. 649-666 • Publicação Contínua • 2025

Quadro 1 - Caracterização dos participantes da pesquisa

Participante	Gênero/ Raça	Escolaridade	Identidade sexual	Orientação sexual	Estado civil	Faixa de renda	Possui deficiência?	Área de Trabalho
Shun de Andrômeda	Homem Cis/Pardo	Ensino médio completo	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Um salário mínimo	Não	Serviços
Caio	Homem Cis/Pardo	Superior cursando	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Até dois salários mínimos	Não	Serviços
Naruto	Homem Cis/Pardo	Superior completo	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Três salários mínimos	Não	Saúde
Gabriel	Homem Cis/Branco	Superior completo	Divulgada para pessoas muito próximas	Homossexual	Solteiro	Dois salários mínimos	Não	Educação
Klaus	Homem Cis/Pardo	Superior cursando	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Até três salários mínimos	Não	Saúde
Tobi	Homem Cis/Pardo	Superior completo	Divulgada para pessoas muito próximas	Bissexual	Solteiro	Até três salários mínimos	Não	Educação

Fonte: dados da pesquisa, 2024

Os participantes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada individual, que de acordo com Creswell (2007), consiste e um encontro entre duas pessoas para que uma delas obtenha informações sobre um tema em específico. Esse tipo de entrevista é adequado aos objetivos desta pesquisa pois os significados tem a linguagem como ponto de partida. Cada participante foi submetido a apenas uma entrevista, e estas tiveram duração média de 55 minutos. Segui ainda um roteiro de perguntas flexíveis, que serviram como disparadores do diálogo sobre o objeto de estudo. Por fim, as entrevistas foram gravadas para transcrição dos dados mediante autorização dos participantes3 e os mesmos escolheram pseudônimos para a garantia do sigilo de suas identidades.

Os dados foram analisados via Análise de Conteúdo de Bardin (2011), escolhida para essa pesquisa principalmente pela familiaridade do pesquisado com tal metodologia, seguindo três passos:

1) a pré-análise: nesse primeiro momento, realizei diversas leituras flutuantes das entrevistas transcritas. Foram ainda definidos, a partir dos objetivos deste estudo, os destaques de trechos das falas dos participantes que dessem indicativos de potenciais significados (generalizações) e esses destaques serviram de ponto de partida para a formulação de hipóteses que orientaram a segunda etapa de análise;

2) a exploração do material: essa etapa correspondeu a codificação, categorização e classificação dos dados. Fiz uma imersão e segmentação dos textos pré-selecionados em palavras, expressões e frases que apontassem para os objetivos deste estudo. Os critérios utilizados neste momento foram a complementariedade (expressões de temas de quando observadas juntas, se complementam em termos de reforço de uma unidade de significado); contradição (expressões que revelaram temas que se contradizem na fala e nas experiências dos participantes, ou seja: em uma mesma categoria de significado, os participantes expressaram vivências contraditórias, o que explicita o caráter vivo das relações sociais). Aqui foi possível identificar os padrões dos relatos, de forma a serem articuladas as relações significativas para estruturar a análise e;

3) o tratamento dos resultados: essa foi a terceira etapa da análise, que consistiu na inferência controlada, ou seja, interpretei os dados de forma a dar sentido nas categorias construídas. A etapa envolveu a discussão dos resultados com literatura pertinente, onde o referencial teórico utilizado foi principalmente os estudos de gênero e sexualidade para que dê significado aos relatos desta pesquisa, onde se intentou articular os relatos com o contexto histórico, social e cultural a partir da literatura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E TRABALHO

Essa categoria reúne pistas sobre a experiência dos participantes no que diz respeito ao mercado de trabalho na cidade de Tabatinga:

> *Naruto: Na verdade, pra gays o trabalho depende só se for masculino. Raramente tu vai ver, mulheres travestis e transexuais trabalhando, já agora, homens gays cis mais masculiniza-*

3 Utilizei o site: https://riverside.com/transcription para a transcrição das entrevistas.

> *dos, tu já vai ver que há muitos que estão no mercado de trabalho em Tabatinga. Mas tu não vai ver eles empreendendo, quem faz isso são os gays afeminados e as pessoas trans. Até porque não são aceitos no mercado formal, tem que se virar, tem que se virar pra conquistar.*

O apontado por Naruto pode ser refletido a partir do conceito de homonormatividade. De acordo com Cavaler, Souza e Beiras (2023), a homonormatividade é uma vivência de gênero performatizada que torna a homossexualidade 'aceitável' aos olhos da heteronormatividade. Esse movimento se dá quando o homossexual se aproxima progressivamente dos valores e moralidades da heteronormatividade. Nesse sentido, observa-se que a homonormatividade é um componente importante na sociabilidade de homens dissidentes da heterossexualidade, pois ela cria a percepção estereotipada de um 'homossexual de respeito' e essa questão é medida pela performatividade de masculinidade do homossexual, ou seja, quanto mais masculino e homonormatizado, menos dificultosa a inserção e permanência no trabalho.

A fala de Naruto aponta ainda para a dificuldade que os homossexuais que rompem com os estereótipos de masculinidade têm de ingressar no mercado de trabalho formal. Ferreira, Souza e Moreira (2015) explicam que há maiores dificuldades desses homens se enquadrarem no mercado por conta dos estereótipos de gênero interseccionada com a homofobia que atinge seus corpos, pois um homem que apresenta traços femininos geralmente é lido de forma negativa do ponto de vista moral, sendo ele homossexual, a discriminação vivida é intensificada. Naruto ainda relata que esses sujeitos 'têm que se virar' fora do mercado de trabalho formal, e isso pode ser relacionado com a fala de outro participante:

> *Caio: Hoje em dia para a gente ganhar respeito e ser uma pessoa homossexual vista pela sociedade, a gente precisa alcançar os nossos objetivos profissionais e tentar ser uma pessoa independente.*

Caio é um homossexual que rompe com os estereótipos de masculinidade e trouxe em sua fala a íntima relação entre o alcance dos objetivos profissionais como um condicionante para a conquista de respeito. Um movimento parecido foi observado por Souza (2022), onde o autor defendeu que homossexuais parecem ter uma tendência de buscar mais escolarização com o objetivo de ter melhores posições no trabalho e esse movimento parece ser uma estratégia para fugir do preconceito, mas também aponta para uma forma de compensação pela orientação sexual e performatividade de gênero dissidente. A fala de Caio se encontra com a fala de Naruto justamente por Caio não estar inserido no mercado de trabalho formal e trabalhar no setor de serviços com eventos sendo um empreendedor. Então, se por um lado, Caio vivencia discriminações por não atender os padrões de masculinidade, por outro, ele compensa essa questão com sua independência financeira. Tobi nos dá outros aspectos sobre o trabalho e a homossexualidade masculina:

> *Tobi:* Não (sou assumido no trabalho) *porque aqui é muito complicado. Porque como eu sou professor de crianças atualmente, é complicado, porque tu sabe que as pessoas têm, tipo, uma ligação ah, é homossexual, é pedófilo, infelizmente... Tem esse estereótipo. Acho que as pessoas catalogam muito que* (um homossexual) *é uma pessoa que pode*

> *persuadir os alunos... Persuadir a serem homossexuais, a seguir esse exemplo. Aí você pode perder oportunidades de emprego melhor.*

De acordo com Jaeger e Jacques (2017), a presença de homens como professores na educação infantil é escassa e os homens que adentram essa área de trabalho geralmente têm suas competências questionadas e passam por desconfianças constantes. A fala de Tobi também aponta para o que Machado e Gonçalves (2024) quanto estes apontam que professores homossexuais que atuam na educação infantil enfrentam barreiras visíveis e invisíveis em sua atuação profissional e são vistos como potenciais "doutrinadores" das crianças.

Outro ponto a ser observado é que um dos meios de discriminação contra homossexuais é relacioná-los a pedofilia. Esse discurso tem origem no pânico moral, que consiste em um sentimento de medo e ameaça que se dispersa pela sociedade, geralmente relacionado a existência e condutas de grupos sociais minoritários, que gera uma preocupação coletiva, hostilidade e uma reação negativa desproporcional, geralmente acompanhados de ampla cobertura midiática (Garland, 2019). No Brasil, pode-se refletir que existe, de forma constante, uma forma de pânico moral em relação a existência de pessoas LGBT e um dos principais estereótipos desse movimento é classificar homossexuais como pedófilos (Morais, Lopes, 2024). Dessa forma, a homonormatividade (Cavaler, Souza, Beiras, 2023) é uma estratégia essencial para que Tobi se mantenha em seu emprego. Klaus, ao ser questionado se já sofreu discriminação no trabalho no traz pistas pertinentes:

> *Klaus: Estar na posição hoje que eu ocupo, sendo LGBT dentro de uma pasta de LGBT, o preconceito não é velado, ele é exposto. Sempre é o gay, sempre eu sou colocado de primeiro não pra algo bom, mas sempre em um termo ruim. Se tiver algo pra fazer que tá ruim, que tem que resolver, o Klaus consegue resolver. E não é por causa que é bom ou é algo profissional bom. É porque é gay e precisa estar nesse local em evidência, é testar a capacidade só pelo fato de eu ser gay.*
>
> *Klaus* (ao responder se sente que precisa ser perfeito e não pode errar no trabalho): *Direto. Sem sombra de dúvida. Não posso pensar em errar. Porque, por exemplo, eu me lembro quando eu entrei, sempre quando você é funcionário público, existe a lista de exoneração de final do ano. Sempre os gays, se você for prestar atenção, os gays são os primeiros. Sempre os gays serão os primeiros. E comigo não era diferente. [...] E a gente nota que outros profissionais que, por exemplo, não exercem a profissão com a eficiência que é pedida, está tudo certo.*

As falas de Klaus apontam para o discutido por Souza, Honorato e Beiras (2021). Os autores explicam que de forma geral, o trabalho é uma das áreas da vida mais hostis para homossexuais, pois a discriminação já começa no processo de seleção para a vaga e continua durante a permanência desses profissionais na instituição. Bainha e Silva (2016) explicam que tais pessoas se encontram em posições fragilizadas no emprego, sofrendo assédio moral e dificuldades para ascensão profissional. Bastos, Pinheiro e Lima (2016) explicam que a permanência destes sujeitos no trabalho é

mediada pela violência simbólica, que cria barreiras visíveis e invisíveis que precisam ser superadas pelo trabalhador homossexual. Rohm e Pompeu (2015) explicam que homossexuais precisam se esforçar mais no trabalho e demonstra competência acima da média de seus pares heterossexuais para que estejam competitivos para a ascensão profissional e mesmo quando o homossexual tem a mesma qualificação e experiência, tem mais chances de ter remuneração menor em comparação com heterossexuais (Pereira *et al.*, 2017).

3.2 USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Souza (2022) explica que as minorias sexuais estão em risco aumentado para o uso de substâncias psicoativas. Meyer (2003) defende que esse uso está diretamente ligado ao estresse de minorias, pois as substâncias químicas podem ser um recurso a ser utilizado para lidar com o sofrimento psíquico causado pelas discriminações que tais minorias vivenciam. Nessa categoria foram reunidas pistas que nos fazem refletir sobre o consumo de álcool e drogas pelos participantes:

> *Entrevistador: Você avalia que o álcool era necessário pra você "ficar" com outros homens? Gabriel: Sim, avalio que sim. Sóbrio até rolava, mas depois de muita conversa, entendeu? Assim, eu tinha que conhecer, eu tinha que ver quem é ele, eu tinha que tipo... dar um tempo de eu sentir confiança, de eu ficar com a pessoa, entendeu? De a pessoa, tipo, de alguma forma não me expor. Mas quando eu bebia, eu ficava com coragem.*

> *Naruto:* (O hétero que curte) *seria esse que quando tá com efeito de algum tipo de droga e tá batendo, eles gostam de catar... Tem homens em Tabatinga que dizem que não são gays, eles procuram a gente ou na madrugada ou com efeito de bebida ou de droga. Em festa, literalmente o cara pode, sem o efeito de dizer 'ah, não curto', mas a noite, quando tá bebendo com os amigos, lá pras duas, três horas da manhã, eles de uma hora pra outra já curtem. Quando tu tenta conversar com ele, eles dizem que foi o efeito. Às vezes no outro dia, ele diz: "ah não, não lembro não, foi um momento, foi a hora da bebida". Eles sempre dão uma desculpa assim na bebida.*

O relatado pelos participantes aponta para uma das principais manifestações do estresse de minorias. Diehl (2009) explica que minorias sexuais são expostas a diversas formas de discriminação durante todo o seu curso de desenvolvimento, o que implica em barreiras para a aceitação de seus desejos homoeróticos, bem como implica na construção de significados negativos sobre a diversidade sexual. Na pesquisa de Souza *et al.* (2022), foi encontrado o resultado de que os participantes utilizavam substâncias químicas para relaxar e conseguir lidar com seus desejos sexuais. Além do mais, Diehl (2009) explica que muitos homens que se relacionam com homens têm suas primeiras experiências sexuais sob a influência de substâncias químicas, como no caso de Gabriel, o mesmo usava o álcool para facilitar o manejo de seus desejos sexuais.

Naruto aponta outros aspectos relacionados ao uso de substâncias por homens gays/bissexuais e outros homens que se relacionam com homens:

> *Naruto: Ah, eu usei cocaína e inalatórios. Poppers e cocaína, que a gente chama de pó, né? Mas era mesmo por causa do ato sexual. É porque tipo... Às vezes que eu fiquei com homens héteros e eles falavam: "vamos relaxar um pouco, dá mais tesão, pra aguentar mais" e a gente utilizou.*

O disposto por Naruto aponta para um fenômeno chamado *chemsex*. De acordo com Souza, Rodrigues e Araújo Neto (2023) a palavra significa 'sexo químico', e consiste no ato sexual mediado pelo uso intencional de drogas, tendo a função de facilitar e/ou prolongar o ato sexual, sendo relatado como um crescente problema de saúde, concentrado principalmente na população de homens que fazem sexo com homens (HSH), com taxas de prevalência que podem chegar a 90% das amostras estudadas.

Souza (2024) explica que os HSH que fazem uso de substâncias no sexo, relatam que a utilização destas promove um sexo mais prazeroso, reduzindo as inibições, facilitando a excitação e criando uma forma de interesse sexual instantâneo pelos parceiros e por outro lado, o *chemsex* também é relatado com forma de controlar sentimentos negativos, como a baixa autoestima, a falta de confiança, a homofobia internalizada e o estigma de ser HSH ou sobre sua condição de HIV. Souza, Rodrigues e Araújo Neto (2023) explicam que as consequências do *chemsex* envolvem o risco a infecções sexualmente transmissíveis, abuso e/ou dependência química, problemas metabólicos, envolvimento em situações de violência e sexo sem consentimento, problemas financeiros, sociais e criminais (como a prisão) e pode inclusive levar a morte por conta de overdoses e esse é um problema de saúde que carece de dados e de políticas públicas no Brasil.

3.3 RELAÇÕES FAMILIARES E HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

As relações familiares e a homossexualidade são descritas na literatura como imersas em uma rede de significados que faz com que a convivência entre o filho homossexual e sua família seja marcado por discriminação, exclusão e sofrimento. Neste estudo, obtive pistas sobre essa questão:

> *Caio: Os meus pais hoje em dia, tipo assim, eles já... Eles precisam de mim, entendeu? Precisam de mim, porque... No passado, para os meus pais me aceitarem foi muito difícil. Eu era uma criança muito sofrida. Apanhava muito, muito, muito mesmo. Teve momentos que eu chegava na escola com boca quebrada, olho inchado, entendeu? E eu não me lembro, assim, que naquele tempo existia conselho de tutelar, essas coisas. Eu acho que não existia, porque hoje em dia, se meu pai fizesse isso comigo, eu acho que o meu pai hoje estaria na cadeia, porque eu sofri muito, sabe? Muito, muito mesmo. Era uma vida muito triste.*

A fala de Caio aponta para a discussão de Soliva (2010), segundo a qual homossexuais são as principais vítimas de violência intrafamiliar, principalmente os jovens. Souza (2022) explica que é no seio familiar que homossexuais sofrem algumas das principais violências que marcam sua vida e a violência vivida ali parece ocorrer de forma longitudinal, ou seja, são violências que acompanham o percurso de desenvolvimento social e de personalidade do filho dissidente.

Tais experiências de violência corroboram para o estresse de minorias (Meyer, 2003) nestes sujeitos, impactando a maneira como os mesmos se constituem e mantêm relações sociais poste-

riormente. No caso descrito por Caio, cabe ainda destacar que o participante relatou não seguir os padrões de masculinidade desde de tenra idade, o que pode ajudar a explicar o porquê de o participante sofrer tantas violências. Souza (2022) explica que muitas violências que homossexuais sofrem em suas famílias teriam o objetivo de corrigir o suposto desvio baseado no gênero e sexualidade, assumindo a função de trazê-lo de volta a uma suposta heterossexualidade natural. Gabriel nos traz outros aspectos da violência intrafamiliar:

> *Gabriel: Apesar de eu não ter dito abertamente, minha família sabe. Apesar de também eles não comentarem, tipo minha mãe sabe, mas minha avó, eu contei pra ela, mas ela ignorou o que eu falei, entendeu? Minha avó meio que ela finge que eu não falei nada pra ela, porque eu já falei. Mas ela finge que eu não falei. Ela age hoje em dia como se meu namorado fosse meu amigo. Pra ela ainda ele é meu amigo. E também pra família dele é a mesma coisa. Pra eles, ele é meu amigo.*

Soliva *et al*. (2021) explica que muitas famílias lidam com a homossexualidade de um membro familiar a partir do silêncio, o que cria nos homossexuais uma 'dor solitária', funcionando da seguinte forma: quando um filho sofre racismo, esse sujeito encontra acolhimento em casa, pois a família compartilha da dor da discriminação, mas no que diz respeito a homossexuais, é a família que se constitui como uma das principais perpetradoras de violência, pois pode não haver identificação alguma com o filho homossexual, o que faz da solidão e silêncio componentes cruciais que dão inteligibilidade às vidas de LGBT's. O que se forma então, é uma tentativa de apagamento da sexualidade dissidente do seio familiar (Souza *et al*., 2019). Shun de Andrômeda nos traz outros aspectos da relação familiar:

> *Shun de Andrômeda: Eu contava com a minha família e acho que isso foi tirado de mim. Sabe quando você é o preferido da família, assim, de todos? Tio, tia, vó, avó. Além dos pais, outros parentes que não moram aqui, etc. Não sei, eu tinha tudo. Todo mundo te dava tudo até um certo tempo. Aí quando descobrem que você é homossexual... Eu não me sinto muito à vontade com a minha família, às vezes. Eu odeio passar natal com eles. Eu odeio fazer algo junto com a minha família [...] eles tentaram achar um culpado e eu mais ainda também me culpava... Mas tipo assim, preconceito mais raiz que eu tive mesmo foi na minha família.*

Shun parece relatar um processo de ruptura drástica nas suas relações familiares. Nascimento e Scorsolini-Comin (2018) explicam que muitos jovens homossexuais evitam revelar para suas famílias sua orientação sexual para evitar problemas e no caso de Shun, foi sua irmã que contou aos seus pais, fazendo com que o participante fosse duplamente violentando: por ter sua orientação sexual exposta sem seu consentimento e por conta de como passou a ser excluído em casa.

Há de se considerar que mesmo que no senso comum, a família seja pensada como um lugar de acolhimento e aceitação, o preço para essa agregação parece ser que os membros sigam um padrão heterossexual hegemônico, e se o sujeito foge a essa regra, ele se torna passível de várias formas de violência, onde a família não atua como protetora da dignidade desses sujeitos, antes, promove

inferiorização e violação de direitos básicos, violações essas que são entendidas como "punições necessárias" (Perucchi, Brandão, Vieira, 2014). Caio complementa as reflexões explicando mudanças em suas relações familiares:

> *Caio: Hoje eles me aceitaram, depois que eu decidi sair de casa, que eu fui ter meu apartamento, ter minhas coisas, foi quando eles viram que eu não dependia mais deles e hoje eles dependem de mim, porque muitas das vezes meus pais passam por dificuldade e eu que cubro as coisas lá por casa. Comida é o mais que eles precisam, entendeu? E a gente começou a se ajudar. Hoje a gente tem uma relação assim...*

O relatado por Caio aponta para o que Soliva *et al.* (2021) encontrou em sua pesquisa. Os autores discutiram que quando um participante passou no vestibular para medicina, a possibilidade de ser médico suavizou as violências familiares que o mesmo vivia. Isso pode ser atribuído a dimensão de classe, que compensaria o fato da homossexualidade do rapaz. Souza (2022) explicou que as questões de classe (escolaridade, renda, emprego, status) geralmente compensam a orientação dissidente dos homossexuais em suas famílias e foi exatamente isso que observamos no disposto por Caio, onde o mesmo atribui a mudança das suas relações familiares por conta do poder de classe que o mesmo exerce. Hoje são os pais que precisam dele e não o contrário. Observa-se então uma relação de poder que abre questionamento para a seguinte reflexão: se Caio não tivesse renda o suficiente para ajudar a custear o sustento de seus pais, como seriam suas relações familiares? Homossexuais precisam ser extremamente bem sucedidos financeiramente para conseguir respeito, acolhimento e aceitação? No caso de Caio, o mecanismo parece ter sido esse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender os significados da homossexualidade masculina para um grupo de homens que mantém relações com outros homens no interior do Amazonas. Seis participantes foram entrevistados e a análise dos dados possibilitou a construção de três categorias, sendo: 1) Homossexualidade masculina e trabalho; 2) Uso de álcool e outras drogas; 3) Relações familiares e homossexualidade masculina.

A primeira categoria possibilitou a compreensão de que o mercado de trabalho privilegia homens dissidentes da heterossexualidade que sejam homonormatizados, onde os participantes adotam diversas estratégias para se manter no emprego, mesmo com a percepção de diversas barreiras visíveis e invisíveis para a ascensão profissional. O sucesso profissional foi um componente importante para que os participantes conseguissem algum tipo de respeitabilidade na cidade.

A segunda categoria apontou para o uso de drogas como uma estratégia para que os participantes pudessem relaxar e lidar melhor com seus desejos sexuais, mas também surgiu sendo utilizadas no contexto do ato sexual com homens que fazem sexo com homens que se identificam como heterossexuais, o chamado *chemsex*, sendo um dos principais aspectos do estresse de minorias.

A terceira categoria trouxe pistas da violência intrafamiliar que os participantes vivenciam, onde emergiram violências físicas, violências psicológicas (através do apagamento e silenciamento dos aspectos da orientação sexual dos participantes) e os dados também apontaram que o alcance de sucesso profissional e financeiro pode trazer mudanças nas relações familiares.

Por fim, as limitações do estudo podem ser citadas: o estudo não abarcou a experiência de homens gays/bissexuais com deficiência, pois não tive acesso a esse público e assim, sugiro a realização de novas pesquisas que analisem a relação entre homossexualidade masculina e deficiência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. A.; GARCIA, C. de L.; ALVES, M. J. H.; QUEIROZ, C. M. H. T. de; ADAMI, F. Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 516-524, 2013.

AMATUZZI, M. L.; BARRETO, M. do C. C.; LITVOC, J.; LEME, L. E. G. Linguagem metodológica - parte 1. **Acta ortopédica brasileira**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-57, 2006.

ANDRADE, M. R. de M.; FERRARI, I. F. Legitimação do laço homossexual: um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1145-1172, 2009.

BAINHA, A.; SILVA, F. A. Homofobia nas organizações e a legislação aplicada. **Revista Borges: estudos contemporâneos em Ciências Sociais e Aplicadas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 50-69, 2016.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, E. M.; PINHEIRO, M. S.; LIMA, T. C. B de. Orientação sexual e inclusão: um estudo de caso em organização varejista de Fortaleza. **Revista De Psicologia**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 165-180, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI-LGBT). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 1 dez. 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html. Acesso em: 9 set. 2025.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALER, C. M.; SOUZA, D. C. de; BEIRAS, A. Corpos matáveis, corpos deixados para morrer: violência nas relações homossexuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 75, e016, 2023.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 71-94, 2012.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIEHL, A. **Abuso e dependência de substâncias psicoativas em homossexuais e bissexuais: revisão da literatura.** 2009. Monografia (Especialização em Psicologia) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FERREIRA, B. de O.; SOUZA, A. B. L.; MOREIRA, L. L. "Mercado colorido": percepções de gays sobre o mercado de trabalho de Teresina-PI. **Revista Gestão & Saúde**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 1565-1584, 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GARLAND, D. Sobre o conceito de pânico moral. **Delictae Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito**, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, p. 36–78, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados – Tabatinga, Amazonas**. 2024. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/tabatinga.html. Acesso em: 20 fev. 2025.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545–570, 2017.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação/ UNESCO, 2009. p. 85-93.

MACHADO, A. E.; GONÇALVES, J. P. Professor homem na educação infantil: a orientação sexual influencia o trabalho docente? **Comunicações**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 89–112, 2024.

MEYER, I. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, Bethesda, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003.

MORAIS, A. R. A. de; LOPES, L. P. da M. "Virada moral" e entextualização do homossexual como pedófilo em falas de Bolsonaro no congresso (2000 a 2018). **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 68, p. 1-27, 2024.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Homossexualidade e família de origem: a perspectiva de homossexuais masculinos. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 6, n. 4, p. 735–745, 2018.

PEREIRA, A. dos S. L. S.; DIAS, S. M. P. da S.; LIMA, T. J. S. de; SOUZA, L. E. C. de. As crenças sobre a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais no ambiente de trabalho. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 2, p. 563-575, 2017.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. dos S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014.

QUEIROZ, Adriana Aparecida das Neves de. **Contato entre línguas na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru: a influência do espanhol no português tabatinguense**. São Paulo: Dialética, 2022.

ROHM, R. H. D.; POMPEU, S. L. E. Homofobia, discriminação e produção de subjetividades: um estudo com pessoas homossexuais em empresas do Rio de Janeiro. **Periódicus**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 228-246, 2015.

SOLIVA, T. B. Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. In: **Fazendo Gênero IX**. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-9.

SOLIVA, T. B.; SILVA, D. Q. da; SILVA, M. V. S. S.; DAMASCENO, M. V. N. Sofrimento, família e homossexualidade: Um estudo com estudantes universitários do Recôncavo da Bahia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 6, n. 4, p. 248–267, 2021.

SOUZA, D. C. de. Homens cisgêneros gays e a sexualidade: reflexões e inquietações. **REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 7, e15736, 2024.

SOUZA, D. C. de. **Relacionamentos abusivos: Significados atribuídos por jovens acadêmicos da UFAM**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUZA, D. C. de. **Violência nas relações homossexuais masculinas em Manaus.** Manaus: Editora UEA, 2022.

SOUZA, D. C. de.; VEIGA, J. B. da S.; LEMOS, S. M.; MONTEIRO, Â. X.; SILVA, T. A. da.; CARVALHO, É. da S.; CRUZ, C. S.; COSTA, L. V. da; MARTINS, K. S. A.; OLIVEIRA, R. C. P. de; HONORATO, E. J. S. A Critical Review on Relations between Heterosexual Parents and Their Homosexual Sons/Daughters. **IOSR - Journal of Humanities and Social Science**, S/L. v. 24, p. 1-6, 2019.

SOUZA, D. C. de; RODRIGUES, I. M.; ARAÚJO NETO, D. S. *Chemsex* entre HSH: Revisão integrativa. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Rio de Janeiro, v. 34, p. 1-29, 2023.

SOUZA, D. C.; HONORATO, E. J. S.; BEIRAS, A. Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul. v. 5, n. 1, p. 127-143, 2021.

SOUZA, D. C.; RODRIGUES, I. M.; FERREIRA, F. S. Masculinidades na escola: revisão integrativa da literatura. **Colloquium Humanarum,** Presidente Prudente, v. 20, n. 1, p. 287–310, 2023.

SOUZA, I. C. de; TAVARES, T. M. C. L.; BESERRA, G. de L.; JÚNIOR, A. J. L. de A.; SOUSA, W. M. A.; RIBEIRO, S. G.; SOARES, P. R. A. L.; PINHEIRO, A. K. B. Consumo de drogas e suporte social percebido por minoria sexual. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 43, p. 1-10, 2022.

STEIMAN, Rebeca. **A geografia das cidades de fronteira: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia).** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

TERTO, V. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. **Horizontes Antropológicos**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 147-158, 2002.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

1 Docente da Universidade Federal do Amazonas, lotado no Instituto de Natureza e Cultura - INC. Doutor em Psicologia com área de concentração Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina na linha de Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidade (UFSC/2019-2021). Mestre em Psicologia na linha de Processos Psicossociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/2016-2018). Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pela UNIFIA (2016-2017). Especialista em Psicologia Social pela FAVENI (2020-2020) Graduado em Psicologia (CRP 20/06816) pelo Centro Universitário do Norte (2011-2015).

Recebido em: 10 de Junho de 2025
Avaliado em: 1 de Outubro de 2025
Aceito em: 20 de Novembro de 2025

A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site https://periodicos.set.edu.br

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

GRUPO TIRADENTES
Inspirando o futuro
EDUNIT